

Vinciane Despret comenta as apresentações de Heliana Conde e Arthur Arruda Leal¹

Vinciane Despret: Primeiramente, gostaria de dizer que eu adorei as duas apresentações. Obrigada, Heliana, pois eu não conhecia nada do trabalho de Portelli: ele é formidável e a articulação que você faz com ele é formidável também. Talvez eu faça articulações entre as suas duas apresentações e eu vou usar a Heliana para perturbar o Arthur. Com um sentido da manipulação totalmente primata. Antes de chegar a este ponto, primeiro eu vou dar uma olhada pelo ângulo do Portelli. Na verdade, ouvindo Heliana, me dei conta de que se eu tivesse lido o Portelli, eu teria captado com mais rapidez as coisas que certa vez me falou um jovem pesquisador. Ele tinha uma pesquisa que não era orientada por mim e eu pedia a ele, enquanto especialista das Ciências Humanas, para averiguar como e quando os cientistas são reflexivos. Quando nós falávamos sobre isso, ele vinha me ver como especialista das Ciências Humanas. Um dia, eu lhe disse: “mas eu não sei muito bem o que é a reflexividade”. Então, nos pusemos a procurar o que os antropólogos dizem a respeito, esses grandes especialistas da reflexividade. Estávamos discutindo a respeito e, um belo dia, eu parei e disse a ele: “Imagina, se os cientistas viessem nos perguntar de que maneira somos objetivos e rigorosos, empregando a mesma carga moral, quase religiosa, que nós empregamos quanto ao termo reflexividade, lhes daríamos dois ou três tapas e os colocaríamos para correr”. Portanto, não podíamos perguntar aos cientistas se eles eram reflexivos. Assim, decidimos fazer algo diferente: verificar o que é a reflexividade para eles, o que nos obriga a não pronunciar a palavra, de forma que eles não se ponham a tentar nos agradar, ou responder polidamente aos nossos insultos. Mas eu não tinha me dado conta - a sua apresentação [referindo-se à Heliana] me parece ter relação com essa frase de Franz Boas - e na verdade, isso converge com o que eu dizia de forma um pouco provocativa ontem - de que a inteligência dos filósofos só pode se basear na imbecilidade desses informadores. Isso é provocativo demais para ser compartilhado. Contudo, repensá-lo nos termos da reflexividade torna-se realmente interessante, assim como é interessante se perguntar sobre os modos de reflexividade próprios àqueles que não se inserem nos códigos acadêmicos. Esse é o primeiro ponto.

O segundo ponto, no qual eu me senti um pouco tranquila, é quando você fala da representatividade. Neste ponto, vamos nos aliar para perturbar o Arthur, como duas feiticeiras, para lhe jogar um feitiço e transformá-lo em uma pedra. Eu queria somente lhes dizer uma coisa: eu trabalhei, num dado momento, com pessoas que são idosos sem-teto, o que nós chamamos de SDF². Há uma cidade muito pobre, na Bélgica, onde há muitos mendigos - acho que a Vera estava lá no dia em que a *Association Bonjour* veio até o *stand*. E a *Association Bonjour* foi constituída por SDFs. Como isso aconteceu? Esse tipo de associação começa sempre com alguma história: dois mendigos que tinham um amigo que foi hospitalizado e que tinham prometido visitá-lo para levar a ele algumas coisas das quais precisaria. Assim, eles mendigaram durante a manhã para poderem levar as coisas à tarde. E, à medida que eles tentavam comprar as coisas, começaram a comprar cerveja, para ganhar coragem. Então, ao final do dia, eles não tinham comprado nada e estavam bêbados demais para poder ir ao hospital. Na manhã seguinte, tentaram recomeçar e se disseram: “Isso não está certo, o que estamos fazendo! Não podemos fazer isso! Quando um amigo é internado, é preciso estar à altura”. Eu não vou contar a história inteira, mas eles acabaram criando um grupo de mendigos que recebeu o nome *Bonjour*, pois é o que nós dizemos quando vamos visitar alguém no hospital. Eles se organizaram em rede, de forma que, quando alguém é hospitalizado, os outros tomam conta dessa pessoa. Mas eles também tiveram que aprender muitas coisas: que se chegavam bêbados ao hospital, eram colocados para fora; que se fediam demais, havia comentários desagradáveis. E aqueles que se ocupavam da associação, pouco a pouco, se tornaram cada vez mais integrados socialmente. Acabaram encontrando uma mulher e se instalaram num apartamento, mas continuavam sendo os presidentes da associação e, na verdade, é a isso que eu queria chegar: eles não eram mais representativos, mas ainda eram os melhores representantes. Por causa dessa história, eu comecei a diferenciar: ser um bom representante não quer dizer ser representativo. E, portanto, a psicologia - e é nesse ponto que eu chego a você, Artur - deveria, talvez, aprender a trabalhar com representantes e

¹ Ajustes feitos pelos autores das mesas. Revisão técnica: Maria de Fatima Aranha de Queiroz e Melo.

² SDF é uma sigla que significa no francês *sans domicile fixe* (sem domicílio fixo). No Brasil, em linguagem corrente, uma pessoa que reside nas ruas, um “sem teto”.

não com representativos. Então nós chegamos com um bom representante e, nesse momento, temos o contrário do que pensava Franz Boas. Ou seja, quanto mais o indígena tiver uma teoria, quanto mais meu informante tiver uma teoria, quanto mais ele for equipado teoricamente, melhor será o meu trabalho. E quanto menos eu trabalho, melhor é minha pesquisa. O que não quer dizer que não se deve trabalhar, quer dizer que é preciso trabalhar antes da pesquisa. O maior trabalho durante a pesquisa é ficar calado. O maior trabalho a ser feito na pesquisa é aprender a ficar calado. Ou seja, foi isso o que eu aprendi com a Joceline Porcher: aprender a suportar o silêncio. Porque, no silêncio, as pessoas se põem a pensar, sob a condição não de pensarem que você está angustiado com o silêncio, mas que você simplesmente dispõe de tempo e não tem muita vontade de trabalhar.

Então, a partir desse momento, eu retomo o que o Artur disse. É que a sua pesquisa é paradoxal, você sabe. Mas até que ponto ela é paradoxal? Há, por exemplo, um ponto que me parece ainda um pouco obscuro, mas talvez seja a minha compreensão. Houve momentos em que eu não estava certa de compreender bem, quando você dizia, ao fim, nas suas conclusões - eu resumo - que iria sempre lidar com sujeitos não ingênuos e não indiferentes. A questão que eu me pergunto é se você não está misturando dois níveis, e quanto a isso, dois níveis temporais. Na verdade, você se baseia no fato de que eles já possuem uma subjetividade que já foi produzida pela cultura psicológica. Nisso sim, você tem razão. Mas a pergunta é: será que eles não têm uma subjetividade que é produzida pela própria pesquisa? Eu acho que é essa a verdadeira pergunta. Então, acho que as entrevistas que você conduziu depois permitem que você verifique exatamente onde eles não puderam dizê-lo a você, pois eu penso que eles não puderam dizer. Eles te dizem algo, por exemplo, quando há um dos sujeitos que te diz “Isso é um teste vocacional”. Esse te diz, mas sem dizer diretamente, ele diz “eu entendi, mas eu não lhe digo, pois você não quer ouvir”. Talvez, também, que quando eles próprios falam de pesquisa de opinião, é preciso perguntar. A palavra “opinião” reforça a noção de “qualquer um”³. Assim, eu acho que você não tem como saber, no princípio da sua pesquisa, que tipo de subjetividade foi produzida. Porque a sua pesquisa reproduz exatamente o que você tenta denunciar. Ainda assim, é interessante. Eu acho extremamente interessante, politicamente, o que você fez. Mas a sua maneira de fazer está em contradição com aquilo que você denuncia. E o que fazemos com essa contradição? Talvez aceitemos

que nunca somos inocentes e que manter as mãos limpas é impossível. Mas, me parece, que nessa pesquisa você poderia ter jogado aberto e teria obtido a mesma coisa. Ou seja, você poderia ter dito a eles, “eu sou psicólogo, eu quero tentar saber se vocês preferem as explicações psicológicas, pois eu desconfio, como psicólogo, dessas explicações psicológicas”, pois é isso. Mas aí talvez eu não o fizesse por escrito, mas por meio de entrevistas, não com questionários. Primeiro, porque os questionários escritos parecem cédulas de votação, opiniões. Contudo, se você fizesse isso oralmente, poderia fazer em dois tempos, o que eu acabo de dizer. Por exemplo, jogo aberto, mas não totalmente aberto. A verdade, mas não toda a verdade. Por exemplo, eu imagino que você poderia começar uma entrevista dizendo “eu sou psicólogo e me pergunto se as pessoas têm uma tendência, hoje em dia, no nosso mundo contemporâneo, a privilegiar, a favorecer explicações médicas, ou espiritualistas, etc.”. E em seguida eu passo o teste, dizendo “se eu digo que isso - estou inventando - é dito por um psicólogo, na sua opinião, o que você preferiria?”. Você faz exatamente o seu texto, dizendo “a primeira afirmação é feita por um psicólogo, a segunda, etc., na sua opinião, assim, o que você preferiria?”. “Com qual afirmativa você está de acordo?” Como você o fez, explicitando que se trata de uma ficção. O que quer dizer que o que você pergunta a eles é muito inteligente, uma vez que você diz que “se trata de uma ficção, mas eu peço a vocês que façam de conta que não é uma ficção”, o que as pessoas sabem fazer muito bem. E então, num segundo tempo da entrevista, você diz toda a verdade. Você diz: “Sabe por que eu fiz esse teste? Porque eu acho que não é bom que as explicações psicológicas sejam privilegiadas”. E nesse momento, você debate sobre a escolha deles e pergunta a eles, se eles não escolheram a explicação psicológica, “Talvez vocês concordem comigo?”, “Ou talvez vocês pensem que as explicações religiosas são mais confiáveis?”. E, nesse momento, eles vão ficar muito reflexivos e vão dizer: “Bom, eu venho de uma família muito católica”, ou “Os psicólogos, a gente acha que são para os malucos”, etc. Eu te lembro que a experiência placebo, que nós fazíamos sempre em duplo cego, sabemos agora que podemos fazê-la sem nenhum cego. Ou seja, o placebo que fazíamos em duplo cego antes - não dizíamos às pessoas se eles estavam recebendo um medicamento ou um placebo, nos ensaios clínicos. Nem aquele que administrava o medicamento, nem o sujeito experimental sabia o que estava sendo dado. Nós pensávamos que, se as pessoas soubessem que estavam recebendo um placebo, o placebo não seria eficaz. Mas agora nós descobrimos que, se fazemos a experiência de placebo dizendo às pessoas “Estamos lhes dando

³ No original “*quiconque*”, que pode ser traduzido como “quem quer que”; “qualquer um”; “ninguém”, ou seja, como pronome relativo ou pronome indefinido.

um placebo”, o placebo surte o mesmo efeito que num ensaio duplo cego. Portanto, as pessoas - não se trata, de forma alguma, de histórias de crenças - simplesmente, elas sabem que um placebo pode surtir os mesmos efeitos que um medicamento e apostam nesse conhecimento. Por outro lado, na sua apresentação - eu contesto esse ponto dizendo que, simplesmente, a sua contradição é difícil politicamente, pois vão sempre poder te repreender por você mesmo ter psicologizado as pessoas. Eu não sei como acontece no Brasil, mas se um religioso fosse fazer essa pesquisa numa escola no nosso país, seria um escândalo horrível. Seria um escândalo, seria inadmissível. É preciso fazermos perguntas políticas. Uma última coisa, algo que me agradou muito na sua apresentação é o que você faz do meu trabalho, mas que eu nunca apontei tão bem quanto você fez. E você foi mais longe. Foi mostrar que a multiplicidade das teorias psicológicas trata-se de multiplicidade de modos de subjetivação. Isto nunca esteve assim tão claro no meu trabalho. Eu nunca tinha percebido tão bem - e ele o mostra claramente - que a multiplicidade das teorias psicológicas pode responder às multiplicidades de modos de produção da subjetividade. Porque eu o tinha pensado para as terapias, mas não tinha pensado até esse ponto para as teorias psicológicas. Eu não sei por que, é um vínculo que - tomei nota quando você estava falando - eu não sei por que me veio essa ideia, ela está na sua apresentação, mas eu não sei aonde. Num determinado momento, eu pensei, é realmente interessante, da mesma forma como existem deuses com demandas abusivas, ou exigências abusivas. Que são, portanto, deuses abusadores. Poderíamos considerar que há teorias psicológicas que possuem demandas abusivas e que são, portanto, teorias que abusam. E talvez seja a questão dos intercessores que poderia voltar aqui, a questão importante. Muito obrigado aos dois.

Arthur Arruda Leal: Vinciane, expresso minha gratidão pelas observações agudas, próprias de quem pensa junto com o dispositivo (e não sobre ele). A questão dos dois tempos (a não ingenuidade e a não indiferença) é fundamental. É com este duplo tempo que pretendo por em questão o dispositivo do sujeito ingênuo: “ou o método é bom (mas aponta para participantes não indiferentes), ou falha (pela impossibilidade de algum participante cumprir este mandato de ingenuidade)” Devo esclarecer que este “ou” não é exclusivo. E para mim, a possibilidade de produção de subjetividade por parte da pesquisa era clara e cristalina. Apenas joguei com os métodos tradicionais para levá-los ao limite. Também na versão mais nova da pesquisa, tentei trabalhar com os dispositivos - ingênuo e expert - assim como com entrevistas, após as

testagens⁴. Um aspecto curioso é que os resultados dos grupos expert e ingênuos não se diferiram muito, o que pode ser um bom argumento contra esta pretensa “ingenuidade” buscada pelos métodos ditos mais rigorosos. Ou seja, qualquer que seja o design de pesquisa, vamos lidar com participantes nada indiferentes e ingênuos. Como, a partir daí, podemos aumentar as margens de recalcitrância em nossas pesquisas?

⁴ A pesquisa apresentada no encontro com a Vinciane Despret é uma versão mais antiga da que foi apresentada para publicação. Esta versão mais antiga não possuía a distinção entre grupos expert e ingênuos.